

Análise das representações midiáticas da Educação Física escolar pelo jornal Zero Hora

Eduardo Gabriel Sebastiany¹

Gustavo Roes Sanfelice²

Rodrigo Alberto Lopes³

Resumo: Este artigo buscou analisar as representações midiáticas da Educação Física escolar sob as lentes do jornal Zero Hora através de uma análise de conteúdo. Para isso, foram selecionadas 18 notícias do período de 01 de janeiro de 2016 até 30 de junho de 2022 que se enquadraram em cinco categorias teóricas, quantificadas pelo seu destaque no jornal. Foram elas: Organização educacional com 12 inferências; Espaço de prática com 16 inferências; Práticas esportivas com 17 inferências; Pandemia com 30 inferências; e Manifestações corporais não hegemônicas com 31 inferências. Apesar da categoria com maior destaque ser de práticas não hegemônicas, os elementos presentes nas notícias não evidenciam os conteúdos da Educação Física presentes nas propostas. Majoritariamente, as demais notícias partem do pressuposto que Educação Física, aptidões físicas e saúde são sinônimos, alinhando as falas do jornal com a expectativa social acerca da disciplina. Desta forma, verificou-se que o Zero Hora é um jornal conservador que só deve trazer mudanças em seu discurso sobre a Educação Física escolar quando as percepções da cultura corporal do movimento já estiverem presentes no imaginário social.

Palavras-chave: BNCC. Cultura corporal de movimento. Hegemonia do esporte. Mídia jornalística. Movimento renovador da educação física.

Analysis of media representations of school Physical Education by the newspaper Zero Hora

Abstract: This article sought to investigate the media representations of physical education in schools through the lens of the newspaper Zero Hora, by qualitative research. For this purpose, 18 news articles from January 1, 2016, to June 30, 2022, were selected and they were framed five theoretical categories, quantified by their prominence in the newspaper. These categories were: Educational organization with 12 inferences; Practice space with 16 inferences; Sports practices with 17 inferences; Pandemic with 30 inferences; and Non-Hegemonic body manifestations with 31 inferences. Despite the category of non-hegemonic practices being the most prominent, the elements present in the news

¹ Graduado em Educação Física, mestrando pela Universidade FEEVALE. E-mail: Eduardo_n8@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8999-0527>

² Doutor em Ciências da Comunicação, professor da Universidade FEEVALE. E-mail: sanfeliceg@feevale.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0159-3584>

³ Doutor em Ciências do Movimento Humano, professor da Universidade FEEVALE. E-mail: rodrigolopes@feevale.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2558-7164>

articles do not highlight the contents of physical education as proposed. The other news articles assume that physical education, physical fitness, and health are synonymous, aligning the newspaper's discourse with the social expectation of the school subject. Therefore, Zero Hora is a conservative newspaper that will only change its discourse about physical education in schools when perceptions of the body culture of movement are already present in the social imaginary.

Keywords: BNCC. Body culture of movement. Sport hegemony. Newspaper media. Renewal movement of physical education.

Análisis de las representaciones mediáticas de la educación física escolar por el periódico Zero Hora

Resumen: Este artículo buscó investigar las representaciones mediáticas de la Educación Física escolar a través del periódico Zero Hora, mediante un análisis de su contenido. Para ello, se seleccionaron 18 noticias del período del 1 de enero de 2016 al 30 de junio de 2022, que se encuadraron en cinco categorías teóricas, cuantificadas por su relevancia en el periódico. Estas categorías fueron: Organización educativa con 12 inferencias; Espacio de práctica con 16 inferencias; Prácticas deportivas con 17 inferencias; Pandemia con 30 inferencias; y Manifestaciones corporales no hegemónicas con 31 inferencias. A pesar de que la categoría con mayor prominencia es la de prácticas no hegemónicas, los elementos presentes en las noticias no evidencian los contenidos de la Educación Física propuestos. La mayoría de las demás noticias parten del supuesto de que la Educación Física, habilidades físicas y salud son sinónimos, alineando las declaraciones del periódico con la expectativa social en torno a la asignatura. De esta manera, se constató que Zero Hora es un periódico conservador que solo cambiará su discurso sobre la Educación Física escolar cuando las percepciones de la cultura corporal del movimiento ya estén presentes en el imaginario social.

Palabras clave: BNCC. Cultura corporal del movimiento. Hegemonía deportiva. Comunicación periodística. Movimiento de renovación de la educación física.

1 Introdução

A Educação Física(EF) escolar vem trilhando caminhos irregulares nas últimas décadas, seja pelos múltiplos entendimentos e possibilidades de EF que surgiram com o Movimento Renovador da Educação Física (BRACHT, 1999), seja pela aversão que muitos profissionais tiveram em adotar tais abordagens, devido a forma como elas foram apresentadas na década de 90 (MACHADO; BRACHT, 2016).

Até meados de 2016, a EF passava por um momento de transição, na qual González e Fensterseifer (2009) acreditavam não corresponder mais aquela de práticas hegemônicas, esportivas e sinônimas de aptidão física, porém ainda não representava aquela EF proposta nos modelos teórico-pedagógicos. Para que se assumam rumos mais certos, é preciso compreender a função social que as escolas apresentam na atualidade.

Outras instituições importantes para o prosseguimento deste estudo são os agentes noticiosos, através dos quais as informações midiáticas se propagam à população. Apesar de sua função social ser a de informar a realidade social, Charaudeau (2010) afirma que isso não é possível, uma vez que os agentes noticiosos evidenciam apenas fragmentos desta realidade através do outro. Para que a notícia de fato seja formada é necessário a interação entre o produtor e o receptor da informação, sofrendo influências tanto pelo caráter mercadológico do

grupo editorial, quanto das capacidades interpretativas do consumidor final, dos interesses sociais nos assuntos e do direcionamento a públicos específicos. Todas essas variáveis ocorrem concomitantemente gerando fluxos de autorregulação em que tanto os produtores influenciam os receptores quanto os receptores influenciam na produção do conteúdo (TRAQUINA, 2005).

Entendendo que estas relações existem, o presente artigo busca analisar as representações midiáticas da Educação Física escolar pelo jornal Zero Hora entre 2016 e 2022. O recorte histórico se deve ao contexto de alterações na legislação e de documentos norteadores, como a construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e sua implementação em meio à crise sanitária de COVID-19 em 2020.

2 Metodologia

O presente estudo trata-se de uma análise qualitativa, com auxílio de dados quantitativos, baseado na análise de conteúdo como descrita por Bardin (2016). Para composição do corpus da pesquisa foram selecionadas notícias e reportagens do período de 01 de janeiro de 2016 até 30 de junho de 2022. O site GZH é a plataforma eletrônica do jornal Zero Hora e dispõe de um sistema de busca de notícias em sua base de dados. Utilizando como descritor o termo “Educação Física” no período delimitado, foram encontrados 551 resultados, dos quais foram pré-selecionados aqueles que eram relativos ao ensino formal, totalizando 85 páginas que foram arquivadas. Ainda na primeira fase da pesquisa, com a utilização da leitura flutuante, algumas notícias foram removidas, por não se referirem à Educação Física na Educação Básica ou por não a apresentarem como ponto principal a ser noticiado.

A segunda fase é marcada pela exploração do material, na qual houve a leitura completa dos dados e a sua catalogação conforme palavras-chave, representando as chamadas unidades de registro, utilizadas para formação das categorias de trabalho da fase seguinte. Ao mesmo tempo, as notícias eram contabilizadas nas unidades de enumeração conforme a presença de elementos estruturantes, tais como aparecimento na capa do jornal, título, subtítulo, imagem, texto, recurso visual e a presença de uma entrevista como componente. A presença de um destes itens correspondeu a uma inferência, assim, os assuntos e notícias mais destacadas pelo Zero Hora apresentaram maior quantidade de elementos contabilizados e receberam mais destaque nesta análise. Na terceira fase da análise, as 106 inferências foram agrupadas conforme proximidade das unidades de registro, formulando as seguintes categorias:

- a) Organização educacional, com 12 inferências (11%) - Corresponde a notícias referentes à estruturação da disciplina enquanto componente curricular e às mudanças causadas pelo Novo Ensino Médio.
- b) Espaço de prática, com 16 inferências (15%) - Que destacam os ambientes nos quais as propostas pedagógicas são executadas.
- c) Práticas esportivas, com 17 inferências (16%) - Que assume especificamente o esporte como essência das práticas em Educação Física, exaltando seus benefícios, valorizando sua execução e relacionando-o com a saúde física.
- d) Pandemia, com 30 inferências (28%) - Retrata a pandemia como ponto central, relatando os obstáculos e soluções encontrados no que tange à Educação Física.
- e) Manifestações corporais não hegemônicas, com 31 inferências (29%) - Apresenta propostas pedagógicas realizadas que valorizam as manifestações corporais enquanto

promotoras de múltiplos saberes pertinentes na educação básica e não estão atreladas às práticas hegemônicas.

3 Organização educacional

Esta categoria relata em grande parte as mudanças que a BNCC trouxe para o novo Ensino Médio. Em geral, as notícias focam na perda de espaço que a EF apresentou no último ciclo da educação básica, seja porque o documento inicialmente não previa a obrigatoriedade dela, seja porque ela passou a ser mínima, exigindo práticas de EF e não uma disciplina específica. Na página 15 do dia 08 de fevereiro de 2022, o Zero Hora traz como foco a matriz curricular do Rio Grande do Sul, na qual dentre todas as disciplinas que reduziram sua carga horária, a Educação Física apresentou maior redução, passando de cinco períodos obrigatórios para apenas um no primeiro ano. Um argumento que é trazido, inclusive em destaque através de um recurso visual, é a de que a mudança tornaria os adolescentes mais sedentários.

As mudanças trazidas pela Base são oriundas de um projeto político desenvolvido nos últimos anos que articula a educação brasileira a uma lógica mercantilizada. Baptista (2018) afirma que o senso comum também mergulha em um discurso econômico para a educação, segundo o qual o sistema educacional falido deveria adotar posturas mercantilizadas com participação de um Estado meramente concessor da Educação. Assim, o perfil de formação dos egressos da educação básica seria de flexibilidade, multifuncionalidade e sociabilidade, características alinhadas aos interesses do mercado (GOMES; SOUZA, 2021). Além disso, a função da EF estaria reservada a um bem de consumo, desvinculada da escola, acessível a quem se interessasse por contratar os serviços de uma academia, clube ou similar (CAMPOS; DURLI; CAMPOS, 2019).

Apesar do jornal trazer falas de um professor apontando para uma importância da EF maior do que a prática de exercício físico e esporte, nota-se que as ideias principais da notícia não seguem esta linha, valorizando a EF enquanto espaço de combate ao sedentarismo. Ainda que os cinco períodos obrigatórios antes supostamente fossem capazes de extinguir o sedentarismo dos jovens, a bandeira parece ter sido levantada por órgãos com posicionamentos distintos, como o Conselho Regional de Educação Física e o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, a fim de garantir a permanência da disciplina, mesmo que nessa visão restrita e ligada a aptidão física (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ACADEMIAS *et al*, 2022). Há, neste caso, um apelo e a busca por coesão na classe para a sobrevivência. A procura pela legitimidade da EF enquanto componente curricular parece ter alcançado o ápice, no qual ao invés de discutir sobre quais os melhores modelos de Educação Física deveriam ser implementados, discute-se a sua mera sobrevivência.

4 Espaço de prática

Apenas duas notícias enquadraram-se nesta categoria, ambas trazem algumas imagens mostrando o que seriam os ambientes típicos de uma aula de EF na visão do jornal: quadras poliesportivas. Ao longo das últimas décadas, o imaginário social foi se moldando em conformidade à prática e ao espaço de materialização das ações pedagógicas do campo (MIRAGEM; ALMEIDA, 2021).

Na página 26 do dia 26 de junho de 2017, o Zero Hora apresenta a situação de uma escola de Porto Alegre que conta com uma estrutura precária, mas estava no aguardo para utilizar um novo espaço. Devido a quantidade de alunos e espaço disponível, houve a necessidade de cancelar intervalos e reduzir a duração das aulas, que ocorriam em três turnos. O prédio e a quadra nova estavam sem energia elétrica devido à ausência de uma subestação que não estava no contrato original. O retrato que se tem, infelizmente, é comum nos meios noticiosos, pois capta a atenção dos leitores e incrementa a relevância ao agente noticioso, facilitando patrocinadores, por exemplo (WU, 2016). A precarização de estruturas, sobretudo do estado, tem espaço garantido na agenda dos agentes noticiosos, pois encontram reconhecimento no imaginário social, retroalimentando o imaginário de que as estruturas públicas em geral apresentam problemas de deterioração.

No que tange especificamente a EF, a notícia revela que as aulas ocorrem sem bolas ou esportes coletivos, restringindo-se a aulas de coordenação motora e equilíbrio, além de jogos de tabuleiro. Fica claro que o local de trabalho reconhecido pelo jornal para uma aula de Educação Física legítima deve ser a quadra, onde práticas com bolas e jogos coletivos assumem a sua finalidade. A utilização de outras manifestações da cultura corporal fica entendida como secundária e menos relevante no processo pedagógico do que uma aula de esportes coletivos.

As mídias e a própria comunicação de massa não preveem o questionamento da utilização hegemônica de práticas esportivas, que ainda se verificam nas escolas, muito menos do ambiente típico da EF. Daolio (2004) afirma que uma EF sob este viés seria a mesma em todos os locais do globo, pois não levaria em conta os aspectos culturais emergentes das manifestações corporais, apenas as questões ligadas às capacidades físicas. Apesar do sentimento de unidade e acolhimento que um espaço dito seu pode apresentar, é importante destacar que as aulas de EF não deveriam se limitar às quatro linhas da quadra. Leitores do jornal e mesmo alunos podem reconhecer nestes espaços possibilidades para múltiplas aulas de EF, mas essa compreensão não deveria ofuscar a visão de que a EF se faz presente em muitos momentos do dia a dia e é praticada em diversos ambientes, sob diversas perspectivas. Há muitas manifestações corporais que não cabem em uma quadra e limitar as ações pedagógicas a uma parcela tão restrita destas manifestações é simplória e talvez cômoda, mas incapaz de dialogar com a pluralidade de possibilidades que o corpo detém.

5 Práticas esportivas

Ainda que não represente o posicionamento editorial como um todo, o Zero Hora opta, nas notícias abarcadas por esta categoria, por dar visibilidade a discursos de fomento ao esporte enquanto promotores de saúde e aptidão física, que, para o público leigo, pode ser o molde que alicerça suas opiniões. Alexandre (2001) já indicou que as indústrias da mídia realizam a comunicação de massa através de técnicos que intermediam o debate e tem papel fundamental na formação dos indivíduos, o que geralmente significa realizar um discurso mais amplo e capaz de alcançar uma gama maior de interlocutores. Esse é um aspecto que é latente a esta categoria, porém não se restringe a ela, englobando todas as demais. Um discurso de massa é um fenômeno complexo fruto do processo comunicativo que pode formular o imaginário social.

Em linhas gerais, o ZH abre espaço para a opinião de especialistas que tentam valorizar a figura do professor de EF, como é o caso da coluna publicada na página 38 do dia

10 de janeiro de 2016, na qual o ex-atleta emissor da opinião enaltece a figura do professor de Educação Física, enquanto transmissor dos “verdadeiros valores do esporte”, que o auxiliaram em sua trajetória profissional. Ele cita que a bola era o instrumento principal do professor e que quando este abordava o futebol, as aulas eram perfeitas, contando inclusive com a participação do professor nos jogos.

Nestas e nas demais falas evidenciadas, o jornal posiciona-se compreendendo EF e esporte como sinônimos. Esta é a mensagem que muitas vezes é transmitida pela grande mídia quando o assunto é Educação Física escolar. As aulas de EF como descritas nos documentos norteadores não são as mesmas que o público geral identifica e reconhece sendo retratada pelo jornal. Uma grande gama de práticas descritas na BNCC não é enalticida pelos agentes noticiosos ou reconhecida pela população, com exceção das práticas esportivas.

Possivelmente, essas colunas não apresentam um ponto de vista inovador, mas compõem um discurso popular de fácil reconhecimento na comunicação de massa. Cândido *et al.* (2021) identificaram em seu estudo que os professores reconhecem a influência da mídia na subjetividade dos alunos e estabelece uma correlação entre essa influência e a resistência dos alunos com abordagens desvinculadas às práticas esportivas. Apesar do entrelaçamento entre EF e esporte se manter no imaginário popular ao longo de várias décadas, Bracht (2022) aponta para um renascimento da pauta advinda da perda de espaço que a EF apresentou no projeto de educação neoliberal dos últimos anos.

6 Pandemia

Segundo Miragem e Almeida (2021), um dos maiores impactos que a pandemia provocou no campo da EF foi o deslocamento do espaço de prática disponível na escola para o espaço disponível do aluno. Não raros foram os casos de alunos que não possuíam ambientes adequados, com pouco espaço para os movimentos, sem materiais tipicamente utilizados, com dificuldades ou mesmo sem o acesso às tecnologias de informação e comunicação. Esse período evidenciou uma necessidade emergente já no ensino presencial, mas que diversas vezes acabava ficando em segundo plano, a intencionalidade pedagógica. Em um ambiente presencial, a falta de intencionalidade pedagógica pode ser mascarada a olhares menos atentos, uma vez que algumas pessoas alheias aos conhecimentos da EF traçam proporcionalidades entre o suor dos alunos e a efetividade de uma aula. Santos *et al.* (2021) já demonstraram que é possível, com ações colaborativas, alcançar protagonismo e relevância dos conteúdos ao abordar a EF em seus diversos campos, porém elas exigem que o docente trace uma estratégia pedagógica. A simples transposição de uma prática presencial não pode ser implementada no modelo virtual (MIRAGEM; ALMEIDA, 2021), onde a falta de intencionalidade fica mais evidente e as relações sociais advindas das interações diretas não são supridas do mesmo modo através das telas.

O ZH reforça nas notícias desta categoria a preocupação com o ensino no período, evidenciando dificuldades enfrentadas, características sociocomportamentais que as crianças apresentam e possíveis soluções para o enfrentamento da pandemia. Um exemplo claro é a reportagem presente das páginas 6 a 9 do caderno doc. dos dias 24 e 25 de julho de 2021, que apresenta dicas de como os pais deveriam organizar a lógica das aulas no período de ensino remoto. Uma das bandeiras levantadas pelo ZH é com relação ao movimentar-se. Uma linha de discurso empregado é a de que apenas em casa, as crianças teriam retardos motores e seriam sedentárias. A reportagem apresenta crianças e mães utilizando máscara fazendo alusão aos

cuidados que estão sendo tomados devido ao momento, o qual justifica a permanência dos estudantes em seus domicílios. Além disso, reforça visualmente os argumentos do jornal, posicionando os pais como agentes fundamentais para o enfrentamento dos problemas que são citados ao longo do texto. Oliveira, Ferreira e Silva (2020) também destacam a importância dos pais no processo pedagógico do período, porém enxergam possibilidades para além da mera prescrição de exercícios, aliando ferramentas tecnológicas nas ações pedagógicas, algo que exige uma reflexão maior quanto a intencionalidade pedagógica das práticas.

Problemas de saúde são preocupações legítimas de pais e o imaginário social acerca da função da Educação Física na escola estabelece uma veiculação da prática de exercícios com a manutenção de corpos saudáveis (DAOLIO, 1996). As preocupações parecem ter se intensificado no período, porém, assim como a falta de intencionalidade, é possível que a preocupação faça parte de um fenômeno que já vinha ocorrendo e apenas foi evidenciado no período. É razoável conceber que a presença de pais e filhos por um período maior em suas casas tenha permitido um olhar mais atento aos hábitos de vida dos jovens. O sedentarismo não é algo que ocorre do dia para a noite e dois períodos semanais não são capazes de extinguir. Há diversas habilidades propostas pela BNCC (BRASIL, 2018) para serem desenvolvidas e nem todas são facilmente vinculadas a exercícios físicos. Cabe a intencionalidade do professor de desenvolver cada uma delas, utilizando diversas estratégias para isso, apresentando, entre outros conteúdos, práticas e estilos de vida que possam ser benéficos à manutenção da saúde ao longo da vida. Não é possível que dentre tantas competências a mais essencial seja executar o gesto motor na idade correta.

O que se insinua, porém, é que estando na escola as crianças estão em um espaço onde o brincar se manifesta em formas motoras intensas que, se não suficientes, são complementares às práticas da EF, desclassificando a maioria dos jovens como sedentários. Vale destacar que tais preocupações estão alinhadas a outros problemas, como a falta de contato social, que dificulta a motivação e o aprendizado. Porém, essas pautas e preocupações não foram observadas no jornal no período anterior à pandemia, o que pode indicar que se as situações já estavam instauradas, apenas não estavam tão evidentes, ou não estavam presentes nos discursos de massa.

Outro caso que ganha destaque no ZH é o do professor Kepler, noticiado pela primeira vez no dia 27 de agosto de 2020. A imagem trazida na capa da edição é reutilizada em várias outras notícias que marcam acontecimentos relevantes do período da pandemia, como que simbolizando a resiliência dos profissionais da educação no enfrentamento à covid-19.

O jornal enfatiza o imprevisto e o prosseguimento do professor mesmo sem estrutura, relatando que o professor não dominava as tecnologias e que pedia auxílio para as filhas. Enaltece a postura cômica adotada por Kepler e o esforço em manter os alunos interessados, utilizando ferramentas adquiridas por meios próprios. É possível verificar que há uma mitificação da figura do professor, passando pelos estágios da jornada do herói, descrita por Campbell (1995). Na jornada de Kepler, o chamado à aventura foi o distanciamento social, a travessia do limiar pode ser considerada a própria pandemia, um ponto de inflexão no qual não se poderia retornar. Os desafios expostos pelo ZH, como as ferramentas precárias e a inexperiência do professor com a edição dos vídeos compreende a aproximação da caverna oculta e as provações que o herói deve enfrentar. Orientado por um mestre, neste caso as filhas de Kepler, ele é capaz de superar as adversidades e retorna para sua realidade, atuando como professor, com um novo conhecimento, o conteúdo produzido para os alunos, capaz de subjugar o mal, personificado através da doença, e libertar seus alunos da privação de acesso à educação. Todos esses elementos são reforçados imageticamente pelos personagens dos

quais Kepler se fantasia e incorpora para salvar seus alunos, uma representação típica do herói através dos meios noticiosos. (FELTES *et al.*, 2021).

Figura 1 - Capa e página 19 do dia 27 de agosto de 2020.



Fonte: Jornal Zero Hora

Um trecho que se sobressai ao longo da notícia é a última fala de uma mãe que foi posta na notícia, na qual ela afirma que as aulas de Educação Física têm sido a diversão das crianças neste período. O retrato que se passa é que Educação Física é entretenimento, assim como assistir a uma série ou um desenho, com os personagens típicos da cultura pop. Esse retrato minimiza a relevância da EF enquanto componente curricular, pois, ao caracterizá-la mais próxima ao entretenimento, pode ser facilmente substituída por outras manifestações que poderiam ser mais significativas às crianças.

Silva, Caparróz e Almeida (2015) afirmam que o imaginário social da EF se vincula às aptidões físicas e rendimento, conferindo-lhe seriedade. Quando não alinhada à perspectiva de saúde e esporte, a EF passa a ser predominantemente recreacional, ainda mesclando-se eventualmente à saúde, mas apresentando um caráter de entretenimento de seus participantes. Se a intenção do jornal era elogiar o trabalho docente que estava sendo realizado pelo professor, a escolha dos elementos para retratar o fato noticioso pode induzir uma visão que é prejudicial à própria figura do professor. Isso ocorre por marcar Kepler como um grande exemplo, o salvador e herói, estabelecendo-o como marco a ser seguido na Educação Física. A partir da notícia, Kepler passa a ser uma referência de professor e possivelmente desqualifica outros que não se comprometeram tanto quanto ele durante a pandemia no imaginário social.

É plausível que leitores vejam a notícia e cheguem à conclusão de que o professor de seu filho não é tão competente quanto Kepler. Anic e Gonzaga (2019) também analisam a figura do professor sob a ótica da jornada do herói, porém os autores alertam para a

necessidade de se realizar o movimento de reflexão sobre as etapas da jornada e a forma como o jornal as apresenta pode revelar duas facetas. Se por um lado, o professor ganha destaque como um herói pelos seus atos, será que todo professor deveria utilizar seus próprios recursos para investir e manter o interesse das crianças? Será que todo professor teria tempo para dedicar-se tanto produzindo o conteúdo para seus alunos? Será que todo professor deveria se sujeitar a fantasiar-se de diversos personagens para agradar seus alunos? Ainda que seja uma possibilidade atrativa para os discentes, Kepler acaba firmando um pacto fáustico no qual ele estaria preso a representação que criou de si e levando outros profissionais da Educação Física consigo. Esperar que o professor se torne o salvador de problemas como o isolamento social advindo de uma pandemia é sobrecarregá-lo com competências que não advêm de seu papel intrínseco de ensinar e romantiza as condições precárias pelas quais este sujeito lida cotidianamente. (FERREIRA; ROCHA, 2021).

Não há registros no Zero Hora de professores de outras disciplinas que realizam práticas semelhantes, o que vincula esse modo de agir possível apenas à Educação Física. A mensagem que se passa é que apenas a EF poderia ser substituída por entretenimento, pois não há outra utilidade para ela no momento. Talvez apresentar várias propostas de professores que sejam igualmente válidas fosse mais eficiente para parabenizar o trabalho docente sem estipular a figura de um professor de EF como salvador, com seus deveres e superação das adversidades. O Zero Hora perde a oportunidade de retratar um professor de EF que é relevante no contexto social, tem muitos saberes a ensinar, mas que é humano e tem suas limitações, preferindo destacar o visual e a espetacularização da aula que superam as barreiras da precariedade. Não há uma crítica às condições dos professores, apenas a conformidade de que eles devem se sujeitar desta forma para continuar atuando, como um herói que é capaz de vencer tudo sob qualquer condição.

7 Práticas corporais não hegemônicas

A BNCC assegura seis áreas temáticas que refletem aspectos da cultura produzida pela humanidade (ALMEIDA; RODRIGUES, 2023) e apenas uma delas trata dos esportes. Esta categoria apresenta propostas que foram realizadas em ambientes escolares em que ganham foco as manifestações do corpo humano não orientadas especificamente ao esporte. Em algumas não há a menção de que há uma aula de EF, apenas que foram realizadas em projetos escolares. Todas elas, porém, apresentaram uma outra justificativa para serem realizadas: a interdisciplinaridade do Xadrez, a cidadania do projeto social do skate, ou o comportamento com as práticas de Ioga.

Figura 2 - Capa e página 25 do dia 28 de novembro de 2017.



Fonte: Jornal Zero Hora

A edição do dia 28 de novembro de 2017 estampa em sua capa três imagens das atividades desenvolvidas pela escola Mãe Admirável, destacando as peças de xadrez, maiores do que de costume, confeccionadas pelos alunos. A notícia segue na página 25 e revela mais sobre o trabalho interdisciplinar que foi traçado. Nele, os professores de Informática, Matemática, Educação Física, Educação Artística e Ciências abordaram o Xadrez sob as lentes de seus campos de conhecimento, desenvolvendo inclusive conteúdos transversais como preconceito racial, cooperação e a sustentabilidade.

Daolio (2004) contribuiu com as discussões do campo mostrando como o estudo da Educação Física é multifacetado, tendo influências de vários campos, como das ciências biológicas, da atividade física e do esporte, além das ciências sociais, antropologia, sociologia, história e outras. Ele defende que o principal conceito inerente à Educação Física seja a cultura, através das quais se manifestam as diversas práticas corporais do mundo. No caso das práticas corporais que apresentaram algum espaço no jornal, tanto o Xadrez, quanto Skate e Ioga são práticas que carregam consigo interpretações de aspectos culturais que transpõem a própria prática. São movimentos com diversos signos que, dependendo do contexto, são alterados pelo conjunto de saberes partilhados. (CHARAUDEAU, 2008). Assim, uma mesma prática, apresenta interpretações, proposições e funções distintas quando estudadas por disciplinas diferentes na escola.

Charaudeau (2008) afirma que um objeto se define pela sua funcionalidade, uma vez que pode apresentar usos distintos em determinadas situações. Quando o Zero Hora apresenta o Xadrez na escola Mãe Admirável, ele o estabelece como uma ferramenta que tem funções distintas para o desenvolvimento de conhecimentos em cada uma das disciplinas, ainda que o objeto de estudo seja o mesmo. Algo assim acontece com as demais práticas corporais que o jornal apresenta em outras notícias averiguadas.

Essa visão favorece uma EF de perspectivas. Ainda que as capacidades físicas estejam dentro do entendimento de EF, ela não deve se restringir a isso, precisando de mais para se

sustentar. A própria BNCC traz a ideia das múltiplas linguagens e dos seis campos de conhecimento da EF, brincadeiras e jogos, danças, lutas, ginásticas, esportes e práticas corporais de aventura, apesar de suprimir algumas manifestações das linguagens conforme o avançar dos anos de ensino. (OLIVEIRA *et al.*, 2021). Consegue-se verificar com isso, que mesmo com as limitadas proposições fornecidas pela Base na área da Educação Física, há um reconhecimento da necessidade de uso de múltiplos signos no campo. Utilizar as manifestações corporais como objeto de estudo permite abordagens múltiplas que transbordam os signos tipicamente atribuídos a EF e revelam importâncias para além daquelas difundidas no senso comum.

8 Considerações finais

Apesar da categoria com maior destaque ser de práticas não hegemônicas, os elementos presentes nas notícias não evidenciam os conteúdos da Educação Física presentes nas propostas. Há uma quantidade grande de notícias que partem do pressuposto e argumentam em favor de uma EF escolar voltada às aptidões físicas e à saúde. O jornal evidencia significativa e pontualmente alguns exemplos que transpassam esse entendimento e apresentam possibilidades mais amplas das manifestações corporais. A questão é que essas notícias não deixam claro que se trata de manifestações intrínsecas da EF passíveis de um olhar interdisciplinar. Apesar da utilização de um elemento cultural para tematizar as práticas corporais ser algo defendido pela literatura acadêmica, tal abordagem torna a presença da EF menos evidente para o público sob as lentes do ZH, que opta por estar em conformidade com o imaginário social.

O discurso de EF esportiva que contribui para o desenvolvimento motor e da saúde é mais reconhecida pelos leitores como legítima e por isso se mostra mais presente de modo geral nas páginas do jornal. Esta vinculação é o que alicerça os argumentos em prol da presença da EF no Ensino Médio, um discurso que é adotado por outras instituições ligadas ao campo, em uma tentativa de sobreviver às propostas mercantilizantes da educação básica.

Também se verificou que a figura do professor de EF é valorizada pelo ZH em dois casos, quando adota esta postura condizente ao imaginário social, ou quando supera os desafios da docência como um mártir. Este segundo caso é explicitado pela construção midiática do professor Kepler enquanto herói. Há na mitificação uma narrativa em construção que gera empatia pelos leitores, mas que substitui as críticas à precariedade pelo sentimento de superação e vitória.

Estes fatos revelam que o Zero Hora é um jornal que prefere comunicar-se com seu público em conformidade com o imaginário social reconhecido, provavelmente, pela maioria de seus leitores que vivenciaram uma Educação Física para o esporte. Apresenta possibilidades de práticas corporais transformadoras, mas subentende a presença da EF nestes contextos. Realiza críticas pontuais que também se vinculam a elementos clássicos para geração de audiência, como a precarização dos espaços de prática da EF e os retardos motores causados pela ausência da disciplina no Novo Ensino Médio e na pandemia. Esses problemas perdem espaço quando a figura do professor é destacada como aquele que supera por conta própria as adversidades impostas. Desta forma, o presente estudo indica que há um longo caminho a ser percorrido pela EF para que esta possa moldar um imaginário social diferente das práticas hegemônicas atreladas às aptidões físicas e que não terá o apoio do Zero Hora a menos que este discurso já esteja presente na população.

Referências

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 11-125, 2001.

ALMEIDA, Maycon Ornelas; RODRIGUES, Heitor de Andrade. Lutas, artes marciais e esportes de combate na Educação Física escolar: conhecimento e crenças de professores do Ensino Médio. **Cadernos de Aplicação**. Porto Alegre, v. 36, 2023.

ANIC, Cinara Calvi; GONZAGA, Amarildo Menezes. A “jornada do Herói” como possibilidade para estruturação e análise de narrativas de professores. In: AZEVEDO, Rosa Oliveira Marins; GUERREIRO, Elaine Maria Bessa Rebello; PACHECO, Maria Lucia Tinoco (orgs.) **Formação de professores em diferentes perspectivas**. Curitiba: Appris, 1. ed., 2019.

Carta Aberta em Defesa da Educação Física no Rio Grande do Sul: um alerta à sociedade gaúcha sobre a Portaria 350. Destinatário: Sociedade gaúcha, Rio Grande do Sul, 7 fev. 2022. Carta aberta. Disponível em: < https://www.extraclasse.org.br/wp-content/uploads/2022/03/Carta-Aberta_versao-01_02.pdf > Acesso em: 20 out. 2022.

BAPTISTA, Carlos Alberto. A educação na mídia: o espaço da polêmica e da verdade. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; FERREIRA, Anderson. (orgs.) **Discurso e Cultura**. São Paulo: Blucher, v. 1, p. 105-129, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Campinas: CEDS, 1999.

BRACHT, Valter. Esporte de rendimento na escola. In: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo(orgs.) **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 09 jun. 2022

CAMPBELL, Joseph John. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAMPOS, Roselane de Fátima; DURLI, Zenilde; CAMPOS, Rosânia. BNCC e a privatização da Educação Infantil: impactos na formação de professores. **Retratos da Escola**. Brasília, v. 13, n. 25, p. 169-185, 2019.

CÂNDIDO, Cássia Marques; SOMBRA, Fernanda Leocádio Bitencourt; PALMA, Alexandre; ASSIS, Monique Ribeiro de. Educação Física e mídia: perspectivas docentes sobre a abordagem dos temas corpo e saúde na escola. **Pensar a Prática**. v. 24, 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física escolar: em busca da pluralidade. **Revista paulista de Educação Física**. v. 20, p. 40-42, 1996.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

FELTES, Alessandra Fernandes; SCHNEIDER, Liliane; SEBASTIANY, Eduardo Gabriel; KUHN JUNIOR, Norberto; SANFELICE, Gustavo Roesse. A construção midiática do herói: a representação de Rafaela Silva na Folha de São Paulo nos Jogos Olímpicos/Rio 2016. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 24, 2021.

FERREIRA, Simone Pereira; ROCHA, Vera Cristina Scheller dos Santos. Onde está o professor de geografia? Por que ele foi embora? **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 10, n. 26, p. 112-126, 2021.

GOMES, Gabriel Vielmo; SOUZA, Maristela da Silva. Formação de professores em Educação Física pós BNCC. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**. Salvador, v. 13, n. 2, p. 858-873, 2021

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais e o ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**. v. 1, n. 1, p. 9-24, 2009.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter. O impacto do Movimento Renovador da Educação Física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “Teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 849-860, 2016.

MIRAGEM, Antônio Azambuja; ALMEIDA, Luciano de. Potencialidade e limitações da Educação Física no ensino remoto: o efeito da pandemia no componente curricular. **Movimento**. Porto Alegre, v. 27, e27053, 2021.

OLIVEIRA, Tálita Regina Henrique de; FERREIRA, Verônica Moreira Souto; SILVA, Maria Ivonaidé Félix Duarte da. Desafios em tempos de pandemia: o ensino remoto emergencial da Educação Física no Ensino Fundamental. In: Congresso Internacional de Educação e Tecnologias – Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância, 2020, **Anais...** São Carlos, 2020.

OLIVEIRA, Nathalia Dória; SOUSA, Dandara Queiroga de Oliveira; SOUZA JUNIOR, Antonio Fernandes de; SILVA, Rayanne Medeiros da; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. Linguagens e Educação Física na BNCC: uma análise a partir das habilidades prescritas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 43, e004421, 2021.

SANTOS, Mariana Gatto Lemos de Souza dos; CARNEIRO, Gabriel de Sousa Vandelli; SANTOS, Tatiany Margarido dos; SAMPAIO, Lorena Andrade; VASCONCELLOS, Danielle Machado; SARTI, Renato. Educação Física e produção discente em um contexto de iniciação à docência. **Cadernos de Aplicação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2021.

SILVA, Bruno Vasconcellos; CAPARRÓZ, Francisco Eduardo; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro. A produção de imaginários sociais nas aulas de Educação Física e seus efeitos na formação inicial de professores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. v. 10, n. 3, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WU, Tim. **The attention merchants:** the epic scramble to get inside our heads. Nova York: Knopf Publishing Group, 2016.

Contribuições da autoria

Autor 1: concepção, planejamento, análise ou interpretação dos dados e escrita do artigo;

Autor 2: revisão intelectual crítica

Autor 3: revisão intelectual crítica

Data de submissão: 01/07/2023

Data de aceite: 13/08/2023